



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Comunidades virtuais e ataques às escolas: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural

Kauã Gomes Santos¹; Afonso Mancuso de Mesquita²

1. Kauã Gomes Santos, PROBIC/UEFS, PSICOLOGIA, e-mail: kauangtos@gmail.com

2. Afonso Mancuso de Mesquita, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA, e-mail: ammesquita@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Histórico-Cultural; Extremismo; Tecnologias
Digitais

INTRODUÇÃO

Os ataques às escolas são um fenômeno de recente ocorrência na história do Brasil, mas de grande preocupação ao considerar-se a sua letalidade e repercussões psicossociais. Em território brasileiro, a primeira ocorrência deste fenômeno remonta ao ano de 2001 (Brasil, 2023; Vinha & Garcia, 2025). Desde então, observa-se um aumento considerável em eventos de atentados escolares no país, com o seu ápice entre os anos de 2022 a 2024, que compreende o período pós-pandemia e de transição governamental, do governo de extrema direita encabeçado por Jair Bolsonaro, ao governo de Luís Inácio Lula da Silva. Neste sentido, Cara *et al.* (2022) sugerem que os ataques às escolas estão relacionados a um “contexto social imerso na escalada do ultraconservadorismo e extremismo de direita no país e a falta de controle e/ou criminalização desses discursos e práticas, bem como de sua difusão através de meios digitais” (p. 3). Assim, torna-se pertinente a investigação das interrelações entre as comunidades virtuais de extrema direita e os ataques às escolas no Brasil, tendo por objetivo este resumo empreender a análise do papel exercido pelas comunidades virtuais de extrema direita sobre a construção da personalidade e dos valores dos perpetradores de ataques às escolas no Brasil, a partir da Psicologia Histórico-Cultural.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Trata-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica, que procedeu pelo levantamento e consulta de bibliografia acerca do objeto de estudo – isto é, as interrelações entre as comunidades virtuais de extrema direita e os ataques às escolas no Brasil – e a análise do material a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural, que se ancora no Materialismo Histórico-Dialético.

Empregou-se, também, o método de pesquisa documental, em notícias, artigos e relatórios acerca da temática de estudo (Brasil, 2023; Vinha *et al.*, 2023; Vinha & Garcia, 2025), para realizar-se o mapeamento dos eventos de ataques às escolas no Brasil, bem como o levantamento de seus dados principais. Com relação ao monitoramento de novas ocorrências, acompanhou-se veículos de notícias e utilizou-se

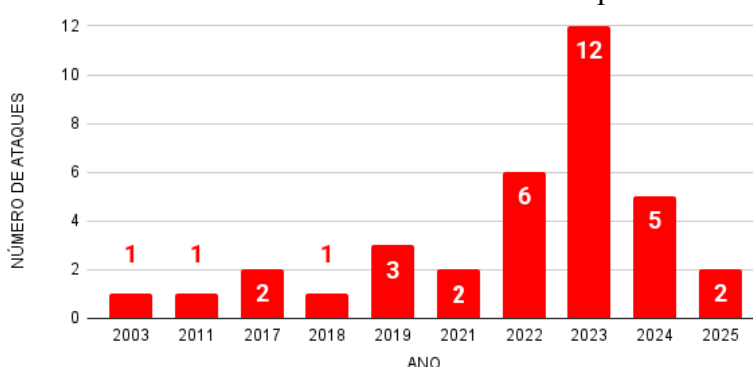
do buscador Google, a partir do qual realizou-se pesquisas com os descritores “ataque” e “escola”, ou, ainda, “ataque”, “escola” e “Brasil”, com resultados filtrados a partir de critério temporal, sempre observando-se a última semana, o último mês, e os últimos três meses a fim de buscar novas ocorrências.

Para a classificação de uma ocorrência enquanto “ataque à escola”, a presente pesquisa apoiou-se nos critérios definidos por Vinha *et al.* (2023), sendo considerado: intenção e planejamento, caracterização enquanto crime de ódio e/ou movido por vingança, e o espaço escolar enquanto local de realização. Contudo, manteve-se discordâncias com relação às referidas fontes quanto à autoria dos atentados: enquanto estas consideram apenas ataques realizados alunos e ex-alunos, o presente estudo incluiu também ataques significativos realizados por sujeitos sem vínculos burocráticos para com a instituição atingida, desde que correspondesse aos demais critérios.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A partir dos dados coletados, a presente pesquisa mapeou um total de 51 ataques às escolas no Brasil, desde o seu primeiro registro em 2001. Deste montante, 68,6% apresentaram indícios de sectarização e/ou interações on-line com comunidades virtuais de extrema direita. Dentre os 33 ataques registrados entre 2022 a 2024, em uma onda de violência nunca antes vista no país, 23 destes apresentavam os indícios referidos.

Gráfico 1. Ataques às escolas com indícios de sectarização e/ou interações on-line com comunidades virtuais de extrema direita por ano



Fonte: Dos autores (2025), baseado em Vinha & Garcia (2025).

Os perpetradores dos ataques às escolas apresentam um perfil bastante específico, composto, em sua esmagadora maioria, por adolescentes e jovens, do gênero masculino, brancos e heterossexuais, com histórico pregresso de bullying, e que nutrem ressentimentos em relação à escola e ao sistema de ensino (Cara, 2022; Brasil, 2023). Para eles, a escola representa palco de sofrimento e humilhação, e sentem-se injustiçados, frustrados e enraivecidos (Vinha *et al.*, 2023).

Para estes sujeitos, as comunidades virtuais de extrema direita representam um espaço de troca, confraternização, escuta e acolhimento (Vinha *et al.*, 2023). Ao considerar-se a propagação de grupos e ideologias extremistas na internet (Achieme, 2021), a redução da socialização de adolescentes e jovens com seus pares a uma imersão on-line durante a pandemia (Vinha *et al.*, 2023), e a utilização da internet por 93% dos brasileiros de 9 a 17 anos (NIC.br, 2025), entende-se que este grupo

populacional pode estar exposto a conteúdo extremista a qualquer momento on-line, sendo cooptado pelo uso de humor e memes, bem como, de linguagem e estética violentas (Cara, 2022).

Ao considerar-se o perfil predominantemente masculino dos perpetradores, faz-se necessário analisar a relação entre gênero e violência. Neste sentido, o Brasil configura-se enquanto sociedade caracterizada pelo patriarcado, isto é, uma estrutura ideológica e violenta em que as relações de subordinação e dominação estão a favor do gênero masculino que, enquanto gênero dominante, detém os meios e a utilização da violência (Connell, 2005; Kawamura, 2021). Assim, aos homens está reservado o direito de vingança diante de experiências de humilhação ou perda de virilidade (Kalish; Kimmel, 2010). Neste sentido, o ataque à escola representa uma via heteronormativa de resolução de conflitos, refletindo a internalização de roteiros culturalmente delimitados de conduta que reiteram lugares sociais e narrativas estereotipadas previamente atribuídas à masculinidade (Brasileiro; dos Santos; da Silva, 2024).

Contudo, a compreensão do nexos entre gênero e violência não basta, ao considerar-se que esta pode se manifestar de diferentes formas. Assim, deve-se lançar um olhar analítico sobre as comunidades virtuais de extrema direita. O perfil dos perpetradores de ataques às escolas coincide, sobremaneira, com o de sujeitos cooptados por tais comunidades: adolescentes e jovens em sofrimento e insatisfeitos com o mundo (Brasil, 2023). Na adolescência, há a destituição do adulto enquanto referência afetiva e a necessidade de inserção em um grupo de coetâneos, em que o desenvolvimento é impulsionado a partir da comunidade da vida interior com os pares, a que Elkonin nomeia de atividade de comunicação íntima-pessoal, levando, assim, à formação de pontos de vista gerais sobre o mundo, à assimilação dos valores morais do grupo, à conformação do ideal moral, e, posteriormente, da concepção de mundo que norteia as ações e atitudes morais (Elkonin, 1987; Bozhovich, 1976).

As orientações de valor são obtidas a partir da interação com o grupo, e, mais especificamente, com o grupo de referência, aquelas pessoas que servem ao sujeito como prisma a partir do qual realizar os atos de percepção social (Petrovski, 1984). Essas comunidades extremistas, ao acolher os sujeitos e incentivá-los em suas práticas mais violentas e prejudiciais, permite também a sua personalização, possibilitando-lhes destacar-se enquanto singularidade a partir da atividade conjunta compartilhada, em que se fazem conhecer seus desejos e vontades, bem como, prolongar-se na consciência dos demais (Petrovski, 1984; Vinha *et al.*, 2023).

Desta maneira, gera-se identificação e pertencimento ao grupo (Vinha *et al.*, 2023). A inserção no grupo implica a assimilação de seus valores, gestando assim valores como o racismo, a misoginia, a LGBTfobia, o supremacismo branco, o antipluralismo, o autoritarismo e a exaltação à violência (Brasil, 2023). Estes valores estão marcados por uma alteridade ontonegativa, isto é, o modo de alteridade que realiza as potencialidades humanas de forma negativa e coloca ao outro como ameaça e objeto de afetos agressivos (Mesquita, 2018). Este modo de alteridade se funda a partir da sociabilidade capitalista, que estimula a competitividade e o individualismo, conforme destaca Mesquita (2018), e, portanto, promove uma forma instrumental de relação entre os sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A partir dos argumentos expostos, e tendo em vista o perfil predominantemente masculino dos perpetradores, a presente pesquisa argumenta que as comunidades virtuais de extrema direita representam um elo de mediação entre a socialização masculina e os ataques às escolas. O patriarcado, apoiado sobre a sociabilidade capitalista ontonegativa, funda uma socialização masculina baseada em violência. As comunidades extremistas, por sua vez, acolhem e dão direção aos afetos e frustrações dos perpetradores, propiciando a sua concretização em forma de violência externalizada. O massacre emerge, desta maneira, como uma via heteronormativa de resolução de conflitos, a partir da conformação de valores violentos e antidemocráticos no interior das comunidades supracitadas.

REFERÊNCIAS

- ACHIUME, T. 2021. Contemporary forms of racism, racial discrimination, xenophobia and related intolerance: note/by the Secretary-General. United Nations.
- BOZHOVICH, L. I. 1976. *La personalidad y su formación en la edad infantil*. Havana, Editorial Pueblo y Educación, 387 p.
- BRASIL. 2023. *Ataques às escolas no brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental*. Ministério da Educação, Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas.
- BRASILEIRO, J. M.; DOS SANTOS, L. M. M.; DA SILVA, N. R. 2024. De Columbine a Suzano: uma análise sócio-histórica de atentados escolares. *Psicol. USP*, 35: 1-12.
- CARA, D. et al. 2022. *O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental*.
- CONNELL, R. W. 2005. *Masculinities*. (2. ed.). Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 324 p.
- ELKONIN, D. 1987. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: SHUARE, M. (ed.), *La Psicología Evolutiva y Pedagógica en la URSS: Antología*, pp. 104-124. Moscou, Editorial Progreso.
- KALISH, R.; KIMMEL, M. 2010. Suicide by mass murder: Masculinity, aggrieved entitlement, and rampage school shootings. *Health Sociol Rev*, 19(4): 451-464.
- KAWAMURA, E. A. 2021. A relação entre a violência e a masculinidade a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Universidade Estadual de Campinas, Tese.
- MESQUITA, A. M. 2018. A formação psicológica de valores morais no contexto da sociabilidade competitiva e individualista na educação: apontamentos para a atividade pedagógica. Universidade Estadual Paulista, Tese.
- NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. 2024. *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil*. São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil.
- PETROVSKI, A. V. 1984. *Personalidad, Actividad y Colectividad*. Buenos Aires, Editorial Cartago.
- VINHA, T. et al. 2023. *Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos*. São Paulo, D3e.
- VINHA, T.; GARCIA, C. 2025. *Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos: atualização*. São Paulo: D3e.